



**MODELO DE INTERVENÇÃO
PARA O CUIDADO DE MÃES
DE CRIANÇAS COM CÂNCER**

Fonte internet'

Glasy Souza e Silva Santos
Isabelle Diniz Cerqueira Leite
Waleska de Carvalho Marroquim Medeiros

2021



Linha de Pesquisa: Processos Clínicos e os Ciclos da Vida
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu
Mestrado Profissional em Psicologia da Saúde

Autora: Glasy Souza e Silva Santos

Glasy -> <http://lattes.cnpq.br/6855472852088262>
e-mail: glasypsi@gmail.com.br

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Isabelle Diniz Cerqueira Leite

Isabelle -> <http://lattes.cnpq.br/3925610086134677>
e-mail: isabelle_diniz@yahoo.com.br

Coorientador: Prof^ª Dr^ª Waleska de Carvalho Marroquim Medeiros

Waleska -> <http://lattes.cnpq.br/9505067927122805>
e-mail: waleskacmm@yahoo.com.br

Ficha Catalográfica

Preparada pela Faculdade Pernambucana de Saúde

S237m Santos, Glasy Souza e Silva

Modelo de intervenção para o cuidado de mães de crianças com câncer. / Glasy Souza e Silva Santos; Isabelle Diniz Cerqueira Leite; Waleska de Carvalho Marroquim Medeiros. – Recife: Do Autor, 2021.

11 f.

Cartilha – Faculdade Pernambucana de Saúde, Pós-graduação Stricto Sensu, Mestrado Profissional em Psicologia da Saúde, 2021.

ISBN: 978-65-87018-95-9

1. Hospitalização. 2. Câncer Infantil. 3. Mães.
4. Cuidados. I. Santos, Glasy Souza e Silva.
II. Título.

CDU 616-006:616-053.2

Sumário

Introdução	5
1º Encontro	11
2º Encontro	16
3º Encontro	20
4º Encontro	24
5º Encontro	28
Considerações finais	33
Referências	35

Introdução

Este produto foi elaborado a partir de um estudo realizado com mães-cuidadoras de crianças com câncer, a partir do pensamento de Heidegger sobre os modos de cuidado do ser-no-mundo. Para ilustrar o pensamento heideggeriano sobre como o ser humano é essencialmente (ontologicamente) cuidado, destaca-se aqui o mito do cuidado – de origem grega, e que nos chega a partir de Higino – conforme consta no livro de Ser e Tempo I.

Certa vez, atravessando o rio, a “cura” viu um pedaço de terra argilosa: cogitando, tomou um pedaço e começou a lhe dar forma. Enquanto refletia sobre o que criara, interveio Júpiter. A “cura” pediu-lhe que desse espírito à forma da argila, o que ele fez de bom grado. Como a “cura” quis então dar seu nome ao que tinha dado forma, Júpiter a proibiu e exigiu que fosse dado o seu nome; surgiu também a Terra (*Tellus*) querendo dar o seu nome, uma vez que havia fornecido um pedaço de seu corpo. Os disputantes tomaram Saturno como árbitro. Saturno pronunciou a seguinte decisão, aparentemente equitativa: “Tu, Júpiter, por teres dado espírito, deves receber na morte o espírito e tu, Terra, por ter dado o corpo, deves receber o corpo. Como, porém, foi a “cura” quem primeiro o formou, ele deve pertencer a ‘cura’ enquanto viver. Como, no entanto, sobre o nome há disputa, ele deve se chamar “Homo”, pois foi feito de húmus (terra)^{1,2}.

O cuidado não se refere a um determinado modo de relação, e sim à condição do ser humano, enquanto ser-no-mundo, de ser aberto às possibilidades de relação nas suas diferentes modalidades¹. A intencionalidade do cuidado segundo Heidegger apresenta-se de três formas que coexistem como fundamentos do ser-no-mundo: nos modos de “ocupar-se” (forma de cuidado com as coisas, com os utensílios do dia a dia), de “preocupar-se” (com os outros), e de “cuidar de si”. Nessa perspectiva, a ocupação e a preocupação estão relacionadas à dimensão ôntica do cuidado, e nelas o ser-no-mundo não está voltado para seu próprio ser, mas sim para ações sobre o mundo externo (coisas e pessoas). Já a dimensão ontológica do cuidado, o cuidar de si, é aquela que, impulsionada pela angústia, proporciona ao ser-no-mundo o retorno a si mesmo como meio de atualizar-se enquanto possibilidades. Nesse sentido, a cura para a dor existencial não resultaria da extinção da angústia, pois ela é condição fundamental para a cura².

Mães-cuidadoras de crianças com câncer, devido ao sofrimento e à angústia cotidiana diante da doença de seus filhos, tendem a vivenciar modos de cuidado descui-

dado consigo próprias, pois entendem que o imperativo de cuidados deve ser direcionado aos filhos adoecidos. A perda do emprego, com conseqüente diminuição da renda familiar, o abandono do companheiro em alguns casos, a falta de uma rede de apoio social, bem como a falta de tempo para si mesmas são dificuldades frequentemente relatadas, que intensificam o sofrimento e a angústia que elas reconhecem ter.

Nas entrelinhas de suas falas, ou de forma muito clara, elas apelam para ser cuidadas pelo outro, um outro que seja profissional e que possa ajudá-las a dar conta de si mesmas durante o processo de tratamento dos filhos com câncer.

Desta maneira, destaca-se a necessidade de se ter um olhar mais apurado para essas mães-cuidadoras, a fim de que sejam cuidadas em suas dores emocionais, que sejam trabalhadas as angústias que cada uma em seu modo de ser enfrenta durante o processo de tratamento de sua criança. Como são parte essencial no tratamento de seus filhos, cuidar dessas mães, ajudá-las a apropriarem-se de suas existências e possibilidades de ser, de forma

a tornarem-se mais fortalecidas para cuidarem de seus filhos no processo de cura da doença.

Nesse sentido, propõe-se aqui um modelo de intervenção que possa auxiliar psicólogos da saúde, especialmente os hospitalares, por estarem imersos no setor de oncopediatria, a promoverem o cuidado das mães de crianças hospitalizadas ou em acompanhamento nos ambulatórios dessas instituições, durante seu processo de tratamento.

Tal intervenção deve ser realizada com grupos abertos, por meio de rodas de conversa, que consiste numa metodologia que promove a autonomia dos participantes, a partir da problematização de temas, do compartilhamento de experiências de vida, e da reflexão direcionada à construção colaborativa de soluções para as problemáticas identificadas³. As rodas de conversa são promovidas a partir da contação de histórias previamente selecionadas, e de perguntas disparadoras relacionadas a temas específicos. Como público-alvo da intervenção, as mães-cuidadoras que estiverem internadas podem compartilhar suas dores e angústias, refletirem sobre seus

modos de cuidar de si, e construir colaborativamente no vos sentidos de vida.

Propõe-se que a intervenção ocorra com grupo aberto de até 7 (sete) mães, em ciclos de 5 encontros, de modo que possa ser reiniciada após o final de cada ciclo. A cada novo grupo ou encontro, podem participar mães novatas e mães que já tiverem participado de grupos/encontros anteriores, pois essas últimas ajudariam no acolhimento das mães novatas e colaborariam com o compartilhamento de suas experiências e com as reflexões promovidas nas rodas de conversa. Sugere-se que, enquanto as mães participam do encontro, estagiários de psicologia deem um suporte às crianças em tratamento para que elas não fiquem desassistidas, nem as mães fiquem preocupadas, durante a realização do encontro.

Os encontros são semanais, com duração estimada de 30 minutos, e cada um tem um objetivo específico (a fim de ajudar as mães-cuidadoras em suas demandas emocionais), sendo utilizados instrumentos e procedimentos detalhados em cada encontro que facilitam o alcance desses objetivos. A própria psicóloga do setor de

oncopediatria pode assumir a facilitação dos encontros, uma vez que os benefícios alcançados pelas mães com essa intervenção promoverão também benefícios à criança tratada no setor. Os encontros podem ser realizados em sala adequada, disponibilizada pelo hospital para essa finalidade.

Tais encontros estão organizados da seguinte forma:

1º ENCONTRO



Fonte Internet²

1º ENCONTRO



Fonte Internet²

Objetivos: explicar o objetivo do grupo, estabelecer o contrato de confidencialidade e respeito entre as participantes, promover o senso de identidade e coesão do grupo, e introduzir reflexão sobre o cuidado de si.

Instrumentos: cartões de papel em branco, caneta hidrocor, livro de conto infantil “*A Fada Afilhada*” (Vassalo, 2008)⁴, tal livro foi escolhido por trazer em sua

contação o objetivo desse encontro.

Procedimento:

Inicialmente, a facilitadora promove entre as mães o contrato de confidencialidade e respeito ao outro, para que seja assumido por todas o compromisso de que tudo o que for dito e trabalhado durante os encontros seja compreendido como um presente a ser compartilhado por todas, e entre elas mantido, de modo que não deverá ser comentado em outros espaços.

Em seguida, a facilitadora solicita às mães para que, em um pedaço de papel previamente recortado em formato de crachá, escrevam o seu nome, o do(a) filho(a) em tratamento, e desenhem um símbolo que lhes represente naquele momento. Após serem orientadas a colocar o crachá em seu peito, as mães serão encorajadas a se apresentarem e explicarem o símbolo que escolheram.

Por se tratar de um trabalho na perspectiva fenomenológica, que é uma abordagem aberta para o que vem ao seu encontro e por poder ser totalmente adaptável, tanto pelo setor hospitalar ou da saúde e pelo profissional que esteja conduzindo, não será necessário esti-

pular tempo para cada ação proposta para os encontros.

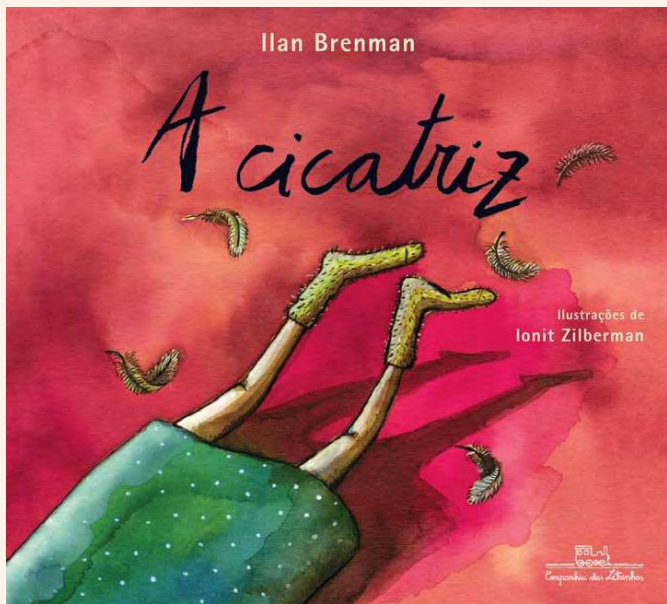
No momento seguinte ao da apresentação, a facilitadora lançará para as mães as seguintes perguntas disparadoras: *Como é para cada uma de vocês cuidar de si mesma? Podem falar um pouco sobre o cuidado consigo?* A cada participante é oferecida a oportunidade de desvelar seus significados, sentimentos e emoções a respeito da temática das perguntas, bem como refletir sobre o que for revelado no grupo.

Após esse momento, é feita a contação da história “*A Fada Afilhada*”, que trata da história de uma fada que não sabia dizer não aos pedidos das pessoas, as quais se aproveitavam e pediam-lhe mais e mais, até que um dia a fada cansada, de tão sobrecarregada de pedidos, deu um berro e desse berro saiu sua própria fada madrinha, para cuidar dela. A partir dessa narração do conto, as mães-cuidadoras são convidadas a refletir e debater sobre a seguinte pergunta: *Qual é a parte da história com que mais se identificaram?* A partir de suas narrativas, a facilitadora conduzirá a reflexão sobre os limites e as potencialidades do cuidado cotidianos consigo mesmas, e a construção, por elas, de outros modos de

cuidado possíveis em suas vidas.

Ao final do encontro, é reforçado entre as mães o contrato inicial de confidencialidade e confiança, bem como o significado do poder-cuidar-de-si e do outro como a oferta e ganho de um presente.

2º ENCONTRO



Fonte Internet³

2º ENCONTRO



Fonte Internet³

Objetivo: reforçar o contrato de confidencialidade e respeito entre as participantes, e promover a reflexão sobre suas histórias de vida e momentos de superação de si mesmas durante o tratamento do filho.

Instrumentos: cartões de papel em branco para a produção de crachás, caneta hidrocor, livro de conto infantil “*A Cicatriz*” (Brenman, 2010)⁵.

Procedimento:

A facilitadora inicia o encontro lembrando às mães o contrato de confidencialidade e respeito ao outro, estabelecido no primeiro encontro, a fim de reforçá-lo. Depois, pergunta como elas se sentem, e o que a contação da história do livro anterior suscitou como reflexões adicionais desde o último encontro.

Em seguida, a facilitadora do grupo realiza a contação da história “*A Cicatriz*”, que conta a história de uma menina que feriu a testa e precisou levar alguns pontos e, diante do médico, ela percebeu que ele também tem uma cicatriz que o fez recordá-la da sua; daí por diante a menina ficou interessada e encantada com as histórias das pessoas. Após a narração desse conto, as seguintes perguntas são lançadas às mães: *O que acharam do livro?* (pausa para reflexão, referente ao silêncio terapêutico). *O que ele diz de cada uma de nós? Será que podemos olhar as nossas cicatrizes de outro modo?*

Tais perguntas funcionam como estratégia disparadora da discussão sobre o tema “minha história”, que permitirá às mães refletirem e aceitarem suas limitações

e potencialidades diante do processo de tratamento dos filhos. Após o debate, cada mãe é convidada a escrever brevemente em um cartão um motivo ou momento de sua vida, durante o processo de tratamento do(a) filho(a), em que pode se orgulhar de si mesma. As mães poderão compartilhar essa experiência com as demais, se assim o desejarem.

Para finalizar o encontro, as mães são encorajadas a refletirem, ao longo da semana, sobre outros momentos de suas vidas que representaram para elas superação.

3º ENCONTRO



Fonte Autora⁴

3º ENCONTRO



Fonte Internet⁵

Objetivo: reforçar o contrato de confidencialidade e respeito entre as participantes, e promover a aceitação e a apropriação dos próprios sentimentos e o fortalecimento de si.

Instrumentos: papel metro (papel madeira) modelado no formato de um caule de árvore de aproximadamente um metro, cartolinas bege e verde, cortadas em formato de folhas (cerca de 30 folhas ao todo), pincéis

atômicos ou lápis hidrocor.

Procedimento:

Da mesma forma que nos encontros anteriores, a facilitadora reforça mais uma vez o contrato de confidencialidade e respeito ao outro, e depois pergunta às mães como elas se sentem, e quais reflexões sobre a contação da história do encontro anterior elas querem compartilhar.

Em seguida, é realizada uma dinâmica com o objetivo de que cada mãe, com seu modo-de-ser, possa se apropriar dos seus sentimentos e buscar o fortalecimento para enfrentar os desafios relacionados ao tratamento de seu(sua) filho(a). Nessa dinâmica, o caule da árvore é preso na parede e as folhas beges que representam folhas secas, são inicialmente distribuídas às mães. É pedido para que cada uma escreva suas dores e suas dificuldades durante o tratamento do(a) filho(a), caso se sinta à vontade para fazê-lo.

Posteriormente, essas folhas são colocadas na árvore para serem socializadas no grupo, sendo com isso questionado: *Quem se identifica com as situações, como*

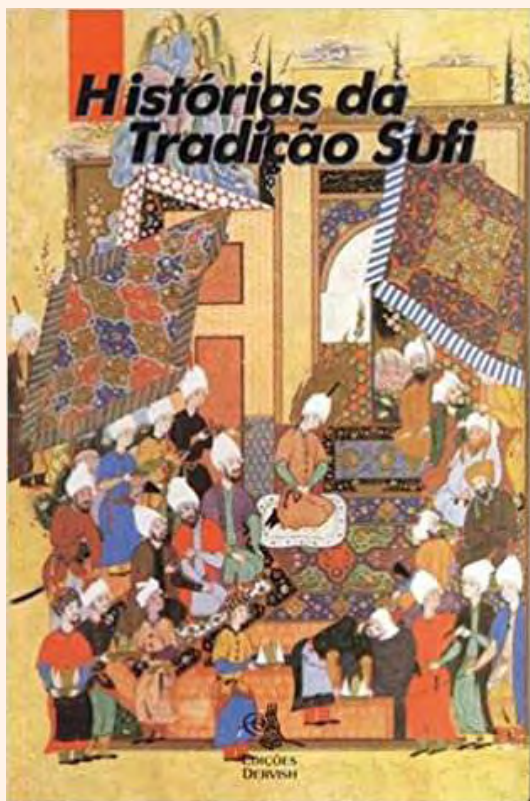
se sentem e como estão nesse momento?

Após esse instante de reflexão e identificação com a dor do outro, são distribuídas as folhas verdes, com a solicitação para que escrevam o que pode ser feito para minimizar suas as dores e os sofrimentos, ou quais estratégias podem facilitar o cuidado de si.

Essas folhas também são presas junto as folhas beges (“secas”) e as questões apresentadas suscitam refletir sobre como está a árvore: *Será que ela pode nos representar? Agora, que montamos a árvore (da nossa vida), o que faremos com ela?*

Essa dinâmica funciona como estratégia para que cada mãe-cuidadora, com seu modo-de-ser, possa se apropriar dos seus sentimentos, emoções, angústias e refletir sobre outras possibilidades de ser-no-mundo.

4º ENCONTRO



Fonte Internet⁶

4º ENCONTRO



Fonte internet⁷

Objetivo: reforçar o contrato de confidencialidade e respeito entre as participantes, e promover a reflexão sobre as dificuldades da vida como oportunidades para o crescimento.

Instrumentos: livro de contos “*Histórias da tradição sufi*” (Grillo, 1993)⁶.

Procedimento:

A facilitadora novamente deve iniciar o encontro reforçando com as mães o contrato de confidencialidade e respeito ao outro. Em seguida, pode perguntar a elas como se sentem, e que reflexões adicionais elas fizeram desde o último encontro.

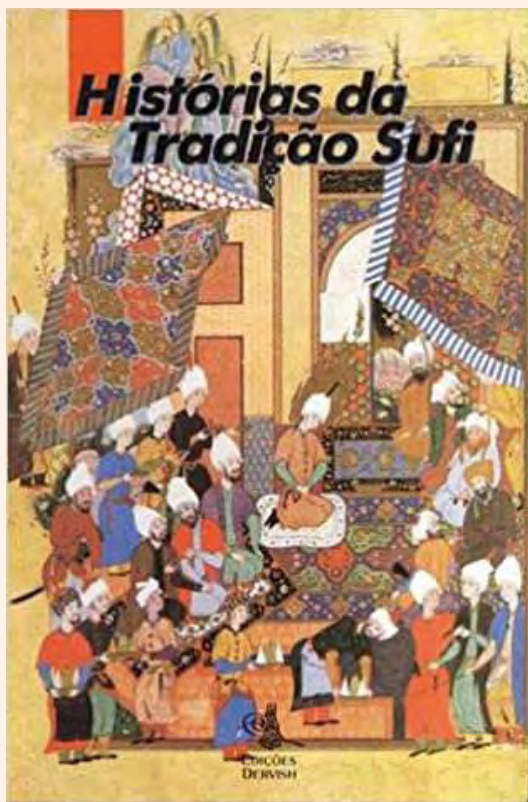
Depois, a facilitadora do grupo faz a contação da história “*Fátima, a fiandeira*”, um dos contos do livro “*Histórias da tradição sufi*”. Nesse conto, a personagem principal é a filha de um próspero fiandeiro que precisa realizar uma viagem a negócios e que desejava conseguir um bom casamento para a filha, Fátima. Essa viagem foi feita de barco e no percurso ocorre uma grandiosa tempestade, em que o pai de Fátima morre e ela quase inconsciente é encontrada na beira da praia. Ela passa por muitos transtornos durante sua vida, a partir dos quais desafia seus medos e adquire experiências. Um dia, ela chega à China, onde é obrigada a construir uma tenda, e então vai buscando em sua história, nos encontros e desencontros e em tudo que já havia passado em sua vida, a matéria-prima para a construção.

O imperador, quando vê o feito de Fátima, diz a ela que atenderia ao seu sonho – e Fátima casa-se com um lindo príncipe. A moral da história é que Fátima compreende que o que lhe tinha parecido ser uma experiência desagradável, em cada ocasião, acabou sendo parte essencial de sua felicidade.

Após essa narração, a facilitadora lança às mães perguntas como: *O que acharam do conto?* (pausa para reflexão, referente ao silêncio terapêutico). *Será que conseguimos olhar para as dificuldades e sofrimentos em nossa vida como oportunidades para o crescimento? O que cada uma já aprendeu sobre si mesma, durante o processo de adoecimento e tratamento de seu(sua) filho(a), que levará como lição de vida daí pra frente?*

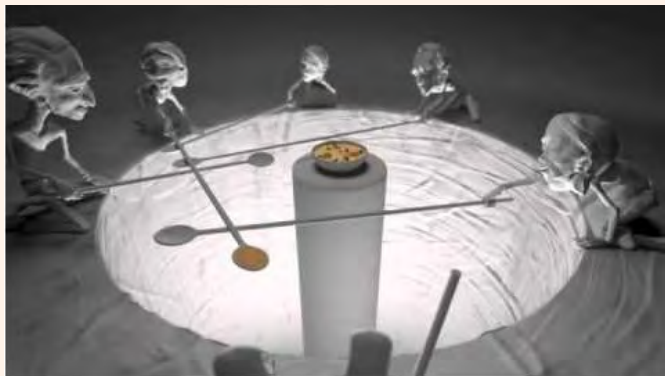
Tais perguntas tem como objetivo promover a discussão sobre novos sentidos de vida que podem ser construídos a partir das dificuldades e sofrimentos por elas vivenciados, como forma de ressignificar suas vivências frente ao adoecimento e tratamento dos filhos.

5º ENCONTRO



Fonte internet⁶

5º ENCONTRO



Fonte internet⁸

Objetivo: reforçar o contrato de confidencialidade e respeito entre as participantes, e promover a reflexão sobre a importância de construir e manter redes de apoio como estratégia de cuidado de si.

Instrumentos: livro de contos “*Histórias da tradição sufi*” (Grillo, 1993).⁶

Procedimento:

Semelhante aos encontros anteriores, a facilitadora deve iniciar o encontro reforçando o contrato de confidencialidade e respeito ao outro, e depois pode perguntar às mães como elas se sentem, e quais reflexões

adicionais sobre a contação da história do encontro anterior elas querem compartilhar.

Em seguida, a facilitadora do grupo conta a história “*As longas colheres*”, outro conto do livro “*Histórias da tradição sufi*”. O conto narra uma festa ofertada por um rei muito querido, que recebeu convidados de vários lugares do mundo, com vestimentas lindíssimas. Tudo transcorria muito bem e a contento dos convidados, até que o tempo foi passando e a fome já estava incomodando. Passado algum tempo, o anfitrião chamou os convidados para a sala de refeição, mas nessa sala havia apenas uma mesa com um caldeirão de sopa apetitosa, com colheres de um metro de comprimento e hastes de madeira para não esquentar as mãos de quem as pegasse. Diante do que era presenciado, todos ficaram a pensar: como fariam para tomar aquela sopa sem pratos e talheres adequados? Depois de algum tempo, um convidado esperto e atencioso à situação elevou a longa colher à boca de seu vizinho, que pode comer à vontade. Moral da história: todos imitaram o feito do homem e se saciaram, compreendendo enfim que a única forma de se alimentar, naquele palácio magnífico, era um servindo

ao outro.

Após a narração desse conto, a facilitadora apresenta às mães perguntas como: *O que acharam do conto?* (pausa para reflexão, referente ao silêncio terapêutico). *Com quem eu posso contar atualmente como apoio para os desafios que estou enfrentando? Será que posso me unir a outras pessoas que estão passando por desafios semelhantes e, juntas, nos tornarmos apoio moral umas para as outras?*

O objetivo de tais perguntas é promover a reflexão sobre outras possibilidades de construção de redes de apoio, inclusive entre as mães de crianças que estão em tratamento contra o câncer, de modo a fortalecerem-se mutuamente, já que compartilham e compreendem os desafios pelos quais passam.

Esse encontro serve como finalização do ciclo de encontros. Com ele, busca-se construir com as mães a compreensão de que elas não estão sozinhas em suas vivências, e que podem encontrar apoio em pessoas que, a princípio, elas não consideravam como possibilidade de apoio, assim como podem também representar para

outras mães essa mesma possibilidade.

Após esse momento de reflexão, é realizado o desfecho dos encontros, no qual a facilitadora dá um feedback ao grupo de mães sobre os avanços observados durante o ciclo de encontros, e possibilita que elas também o façam a partir da pergunta: *Como foi para vocês os nossos encontros?*

Considerações finais

Essa intervenção, planejada a partir da contação de história e de rodas de conversa, propõe ações de cuidado às mães de crianças em tratamento contra o câncer, que podem contribuir para a prática de psicólogas(os) da saúde, e especialmente psicólogos hospitalares, na medida em que possibilita a novas formas de pensar o cuidado.

Compreende-se que as especificidades do trabalho desses profissionais em seu cotidiano, devido a sua dinamicidade, podem eventualmente representar entraves à efetivação da intervenção aqui apresentada. Por isso, é preciso compreendê-la como um modelo de intervenção, isto é, uma proposta que pode ser flexibilizada para atender a essas especificidades. Assim, aspectos como o número de mães participantes no grupo, a duração e a periodicidade dos encontros, o local de execução, e até mesmo as perguntas sugeridas para mobilizar as reflexões e debates podem ser adaptadas com base nas experiências cotidianas do(a) profissional que assumir a função de facilitador.

O que está na essência deste modelo de intervenção são os temas propostos, os quais foram pensados a partir dos resultados de estudo feito com esse público, e que sugerem que as mães-cuidadoras de crianças com câncer precisam ser cuidadas, de modo a tornarem-se capazes de transformar seus próprios sofrimentos em caminhos para o desabrochar de novos sentidos de vida. Nesse sentido, ajudá-las a refletirem sobre o cuidado de si, suas limitações e potencialidades, seus sentimentos e suas possibilidades de ser, sobre o sofrimento como oportunidade de crescimento, e a construção de novas redes de apoio, tudo isso se traduz como essas novas formas de pensar o cuidado.

Este modelo de intervenção pode, inclusive, ser adaptado para aplicação em outros espaços que dão suporte a mães de criança com câncer, como Unidades de Saúde da Família (USF), Centros ou casas de apoio a crianças com câncer (destinados a crianças que vêm de cidades do interior do estado para se tratar na capital onde se situa o hospital), ONGs, Associação de Moradores em comunidades, e outras instituições que servem ou podem servir de apoio a essas mães.

Referências

1. Feijoo, AMLC. A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial. 2ª ed. Rio de Janeiro: IFEN; 2010.
 2. Heidegger, M. Ser e Tempo I (1927). Tradução Márcia Sá. 15ª ed. Petrópolis: Vozes; 2005.
 3. Costa, RR. O; Filho, JB; et al. As rodas de conversas como espaço de cuidado e promoção da saúde mental. Rev. de Atenção à Saúde, v. 13, no 43, jan./mar. 2015, p. 30-6. Acesso em: 03 de novembro de 2018. Disponível em: http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_ciencias_saude/article/view/2675/pdf_1
 4. Vassalo, M. A fada afilhada. 2ª ed. Global Editora; 2008.
 5. Brenman, I. A cicatriz. Companhia das letras; 2010.
- Grillo, N.Q. Histórias da tradição sufi. Dervish; 1993.

Referências das Imagens

1. www.st.depositphotos.com/3008028/3750/i/600/depositphotos_37507223-stock-photo-conceptual-symbol-of-multiracial-human.jpg
2. www.grupoeditorialglobal.com.br/?s=a+fada+afilhada&livro_s=livros
3. www.moderna.com.br/autoresexclusivos/ilan-brenman/biblioteca/a-cicatriz.htm
4. Santos, GSS. Imagem autoral
5. www.static.wixstatic.com/media/b12_5e6bffa8b1d547a8bbc4c6b82641e427~mv2.jpg/v1/fill/w_800,h_400,al_c,q_90/48b12_5e6bffa8b1d547a8bbc4c6b82641e427~mv2.jpg
6. www.google.com/h?q=dervish+editora&tbm=isch&ved=2ahUKEwiJr8XUxc_xAhUMuZUCHX1yD48Q2-cCegQIABAA&oq=dervish+editora&gs=CgNpbWcQA1AAWABggq0baABwAHgAgAEAiAEAkqEAmAEAqgELZ3dzLXdpei1pbWc&scient=img&ei=-d_kYMnOEIzy1sQP_eS9-Ag&bih=722&biw=1536&hl=pt-BR
7. <https://suntannedmumford.files.wordpress.com/2012/01/tent11.jpg>
8. <http://nossaradio104.fm.br/site/wp-content/uploads/2019/12/hqdefault.jpg>

Diagramação: Cintya Ignácio



cintya.ignacio@hotmail.com



21 98183-6911



ignaciocintya / cintya.ignacio